



SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL NO ESPORTE OLÍMPICO ENVOLVENDO MULHERES: UM ESTUDO A PARTIR DE REPORTAGENS EM DIFERENTES SITES ESPORTIVOS

Resumo - O objetivo desta pesquisa foi mapear os casos de violência sexual nos esportes olímpicos divulgados em diferentes sites esportivos (Folha Esporte, ESPN, Gazeta Esportiva e El País, Globo Esporte, Lance!, SporTV e Terra), entre os anos de 2013 e 2018. Para tal, as pesquisadoras buscaram reportagens que tratavam sobre tal temática nos sites citados. Essas notícias precisavam conter em seus corpos os termos “violência sexual” ou “abuso sexual”, bem como uma das seguintes palavras: “olímpico”, “olímpica”, “olimpíadas” ou “olimpismo”. Os resultados mostraram o total de 97 reportagens, predominantemente no ano de 2018 (56,72% do total). Percebeu-se que há um crescimento expressivo do número de reportagens a partir do ano de 2016 (saindo de 3 casos em 2015 para 11 casos em 2016), tal número aumenta ainda nos anos subsequentes (26 casos em 2017 e 55 casos em 2018). Chamou-nos a atenção o número de reportagens em que não há a exposição do sexo da vítima (44 casos, 45,36% do total de reportagens). Das reportagens mapeadas, 71,13% correspondem a casos envolvendo a Ginástica Olímpica, 16,49% a Natação e 4,12% o Basquete. O aumento das reportagens se deu, provavelmente, em função das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2016, que deu visibilidade para diversas questões do esporte, tal como as denúncias dos casos de violência sexual em diferentes modalidades. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a visibilidade do tema no âmbito do esporte, abrindo caminhos para que novas pesquisas possam explorar a temática.

Palavras-chave: psicologia social do esporte; violência sexual; Olimpíadas.

ABOUT SEXUAL VIOLENCE IN OLYMPIC SPORTS: A STUDY FROM NEWS REPORTS OF DIFFERENT SPORT SITES

Abstract – The purpose of this research was to map the cases of sexual violence in olympic sports, publicized in different sports sites (FolhaEsporte, ESPN, GazetaEsportiva e El País, GloboEsporte, Lance!,SporTV e Terra), between the years of 2013 and 2018. To accomplish that, a quest for the expressions “sexual violence” and “sexual abuse” was made within the sites, such as the words “Olympic” and “olympism” were also verified. The results show 97 reports in total, mostly in the year of 2018 (56.72% of the total). The number of new reports grows expressively in 2016, that had 11 cases, whereas 2015 had only 3. The numbers kept growing in the following years (2017 showed 26 cases and in 2018, 55 cases were found). Another thing we should draw attention to, is the number of reports in which the victim sex wasn't identified (44 cases or 45.36% of the reports). Of the 71.13% mapped reports involved Olympic gymnastics, 16.49% were about swimming and 4.12% were related to basketball. A possible explanation for the increasing of report news, could be the Rio's Olympics of 2016 which gave visibility to several sporting issues, such as denouncing cases of sexual violence in different modalities. This article expects to contribute with the visibility of the subject within the scope of sports, making space for new articles to explore this theme.

Keywords: social psychology of sports; sexual violence; Olympics.

SOBRE LA VIOLENCIA SEXUAL EN EL DEPORTE OLÍMPICO: UN ESTUDIO A PARTIR DE REPORTAJES EN DIFERENTES SITIOS DEPORTIVOS

Resumen - El objetivo de esta investigación fue mapear los casos de violencia sexual en el deporte olímpico, que fueron divulgados en diferentes sitios deportivos (Folha Deporte, ESPN, GazetaDeportiva, El País, Globo Deporte, Lance!, SporTV y Tierra), entre los años de 2013 y 2018. Para ello se realizó una búsqueda por reportajes sobre el tema en los sitios citados, que contenían en su cuerpo los términos "violencia sexual" o "abuso sexual" teniendo también una de las siguientes palabras: "olímpico", "olímpica", "olímpica" "olimpiadas" o "olimpismo". Los resultados mostraron un total de 97 reportajes, predominantemente en el año 2018 (56,72% del total). Hay un crecimiento expresivo en el número de reportajes a partir del año 2016 (saliendo de 3 casos en 2015 a 11 casos en 2016), tal número sub aun en los años subsiguientes (26 casos en 2017 y 55 casos en 2018). Nos llamó la atención el número de reportajes en que no hay la exposición del sexo de la víctima (44 casos, el 45,36% del total de reportajes). De los reportajes mapeados 71,13% corresponden a casos envolvendo la Gimnasia Artística, 16,49% a Natación y 4,12% el Baloncesto. El aumento de los reportajes tal vez pueda ser explicado en función de las Olimpíadas Río 2016, que dio visibilidad a diversas situaciones del deporte, tales como, las denuncias de los casos de violencia sexual en distintas modalidades. Se espera que este trabajo pueda agregar a la visibilidad del tema en el ámbito del deporte, abriendo caminos para que nuevas pesquisas puedan explorar la temática.

Palabras-clave: psicología social del deporte; violencia sexual; Juegos Olímpicos.

Ana Paula de Queiroz
Bambace

Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo,
Brasil

anaqbambace@
gmail.com

Anna Beatriz Vargas
Panfili

Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo,
Brasil

annabpanfili@gmail.com

Juliana A. de Oliveira
Camilo

Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo,
Brasil

jacamilo@puccsp.br

[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v4.id98](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v4.id98)

Recebido: 10 mai 2020

Aceito: 26 jul 2020

Publicado: 3 ago 2020

Agradecimento ao CNPq
pela Bolsa de Iniciação
Científica

Introdução

O presente estudo teve como objetivo mapear os casos de violência sexual no esporte olímpico divulgados em diferentes sites esportivos (Folha Esporte, ESPN, Gazeta Esportiva e El País, Globo Esporte, Lance!, SporTV e Terra), entre os anos de 2013 e 2018. Esta pesquisa insere-se no conjunto de estudos que buscam entender o papel da internet na circulação de repertórios utilizados para dar sentido à vida cotidiana. Teremos como foco de estudo e análise as mulheres, por entendermos que as mesmas estão submetidas a relações assimétricas de poder e que demandam olhares específicos, sobretudo no âmbito do esporte¹.

Elegemos sites como campo de análise por dois principais motivos: a) por serem parte do cotidiano da população, circulando saberes pelos diferentes aparatos tecnológicos (notebooks, tablets, celulares) a qualquer momento do dia e, b) por serem importantes disseminadores de informações que, cada vez mais, pautam e criam ‘verdades’, heróis e vilões.

É fundamental dizer que o esporte na atualidade é entendido como um campo de significativo alcance social, cultural e econômico, visto que a atividade esportiva supõe sempre uma atividade industrial e comercial próxima, que indica que o espaço esportivo foi transformado em um setor da vida econômica e em uma área de consumo muito importante e dinâmica².

Por outro lado, como outros tantos fenômenos sociais, o esporte se sustenta a partir de diferentes instituições, com suas regras e relações de poder e que, de forma mais ou menos sutil, pode contribuir com a manutenção do status quo. Corroborando com essa ideia, pode-se pensar no esporte como uma forma de controle dos corpos, sendo uma das maneiras de manter as pessoas submissas, ao mesmo tempo produtivas e sob vigilância. Neste sentido, parece também ser um campo privilegiado para a manipulação e gerenciamento da população, sobretudo para atender aos interesses das dominâncias^{3,4}.

Torna-se necessário também contextualizar o olimpismo a fim de compreender o ambiente no qual as atletas aqui discutidas estão inseridas. A origem dos Jogos Olímpicos remonta à Grécia Antiga, mais especificamente ao período denominado de Helenismo. Nesse período, os jogos eram realizados como uma forma de celebrar os deuses, na cidade de Olímpia. Os jogos promoviam uma trégua entre quaisquer disputas entre os povos, garantindo assim que os atletas pudessem se deslocar sem dificuldades das suas cidades

Bambace APQ, Panfili ABV, Camilo JAO. Sobre a violência sexual no esporte olímpico envolvendo mulheres: um estudo a partir de reportagens em diferentes sites esportivos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 122-136.

até o local da competição. É importante ressaltar que, nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, era vetada a participação de escravos e de mulheres, embora estrangeiros que pagassem impostos pudessem participar⁵.

Mais tarde, no século XIX, o historiador francês Pierre Coubertin, a partir de pesquisas acerca da Grécia Antiga, resolveu retomar os Jogos Olímpicos, com o objetivo de ajudar a manter a paz mundial. Ele visava alcançar uma reforma social internacional por meio da educação e do esporte⁶.

Esse historiador, conhecido como o Barão de Coubertin, trouxe a ideia de realizar Jogos Olímpicos internacionais no aniversário da União das Sociedades Francesas de Esportes Atléticos, no ano de 1892. A partir dessa ideia, foi criado um comitê composto por representantes de diferentes países, com a função de estabelecer as regras dos esportes criados para a ocasião, além da organização do evento em si. Esse comitê foi chamado de Comitê Olímpico Internacional (COI) e seus participantes não eram vistos como embaixadores de seus respectivos países, mas sim como integrantes de uma organização internacional, apolítica e apartidária⁶.

No entanto, essa imparcialidade não ocorreu na prática, uma vez que disputas entre países afetavam profundamente a competição. Para efeito de exemplificação temos sua suspensão devido as Guerras Mundiais, assim como boicotes por parte de EUA e URSS no período da Guerra Fria⁷. Os primeiros Jogos Olímpicos modernos ocorreram no ano de 1896 em Atenas, na intenção de deixar claro a ligação com as Olimpíadas da Grécia Antiga. Desde então, houveram muitas mudanças nas diretrizes e no formato dessa competição. De início, foi criada uma Carta Olímpica, onde estavam expostos os princípios fundamentais do olimpismo. A carta coloca como principal objetivo estabelecer um equilíbrio entre espírito, mente e corpo, assim como queriam os gregos no período helênico. Também eram colocados como pontos fundamentais o amadorismo e o *fair play*⁵.

Ao longo dos anos esses valores foram ganhando novos contornos culminando com os Jogos Olímpicos se tornando um evento com um papel econômico e político, tendo como acento os interesses capitalistas⁴. A ajuda das tecnologias e da mídia, o público passou a assistir os Jogos por diferentes mídias (televisão, internet), e esse evento, assim como o esporte como um todo, foi se tornando um espetáculo e os atletas, mercadorias⁷.

Mediante essa reflexão inicial, entende-se o papel e a importância dos Jogos Olímpicos em nossa sociedade, assim como o caráter heroico que os atletas assumem nesta competição⁸. Ainda assim, faz-se fundamental retomar a evidente condição humana dos atletas, para assim visibilizar as suas dificuldades, os assédios morais sofridos⁹ e, como é nosso foco neste artigo, as violências de ordem sexual enfrentadas pelas mulheres atletas olímpicas.

Sobre as violências

A fim de contribuir para as discussões acerca da temática aqui em foco, será explorada algumas definições de violência de gênero, violência sexual e abuso sexual.

Chauí¹⁰ compreende a violência por duas perspectivas

Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (p. 35).

A partir disso nos deparamos com a violência de gênero. Para que esta seja melhor compreendida, é de extrema importância o entendimento do conceito “gênero”. Esse termo foi utilizado pela primeira vez pelo psicanalista Robert Stoller, em 1963 ao formular o termo ‘identidade de gênero’¹¹. A compreensão acerca deste era de que as formas constituintes de sermos homens ou mulheres não dependeriam do nosso sexo biológico, mas sim, de como fomos inseridos na sociedade e na cultura, variando de acordo com o nosso momento histórico, social e econômico.

No entanto, apenas no que se chama de ‘segunda onda feminista’, em 1970, que a categoria gênero passou a ter um impacto maior nas teorias sociais¹¹. Esse conceito passou a ser compreendido como sendo algo mutável, uma vez que os seres humanos estão inseridos dentro de um contexto histórico, social e cultural, passando por constantes processos de resignificação devido às suas relações objetivas e subjetivas. Nesse sentido, a construção do conceito de gênero tem como objetivo introduzir que a relação entre os sexos não se configura a partir de algo dado ou natural, mas sim devido a uma relação e construção social.

A partir do que foi posto, a violência de gênero pode ser entendida como um conceito mais amplo, suas vítimas podem ser mulheres, homens, crianças e adolescentes, mas, de certa forma, busca manter a organização hierárquica de gênero, ou seja, o homem adulto, branco e rico tem uma superioridade frente às mulheres, crianças, pobres e negras(os)¹².

Sendo assim, pode-se concluir que a violência de gênero é aquela que sucede a relação de dominação do homem sobre a mulher, devido a uma construção social e histórica potencializada pela noção patriarcal e hierarquizada entre os sexos e gêneros.

Já a violência sexual, de acordo com o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, elaborado pela World Health Organization (WHO)¹³ é

[...] qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou investidas sexuais indesejados, ou atos direcionados ao tráfico sexual ou, de alguma forma, voltados contra a sexualidade de uma pessoa usando a coação, praticados por qualquer pessoa independentemente de sua relação com a vítima, em qualquer cenário, inclusive em casa e no trabalho, mas não limitado a eles (p. 148).

Já a Lei Maria da Penha (Lei 11.3340/2006) compreende a violência sexual como

[...] qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos¹⁴ (s.p).

Existem inúmeras formas e diferentes ocasiões em que essa violência ocorre. Percebe-se que a violência sexual pode ser realizada em diferentes locais e por diferentes pessoas, sendo praticada por pessoas próximas à vítima ou não. No entanto, uma grande questão que surge, refere-se ao chamado ‘pacto de silêncio’ estabelecido entre a vítima e seu agressor, ou seja, um silenciamento da violência que leva a perpetuação da violência em diferentes configurações: a continuidade da violência sexual e física e a violência psicológica (constrangimentos, pressões, culpabilização da vítima).

O relatório da OMS¹³, anteriormente citado, informa ainda que os dados sobre violência sexual geralmente são informados pela polícia, centro clínicos e Organizações Não-Governamentais (ONG's). No entanto, existe uma discrepância significativa entre a quantidade de casos informados e a quantidade de casos reais, pois nem sempre as vítimas conseguem denunciar seus agressores, seja por medo, vergonha de ter sido abusada e/ou violentada, ou até mesmo falta de credibilidade perante as autoridades.

Para além das violências pontuadas, uma outra categoria que se relaciona com essas é o abuso sexual. Este configura-se como uma forma de violência que tem ligação com poder, coação e/ou sedução, e abrange duas desigualdades: gênero e idade¹². Neste tipo de agressão o opressor tem como objetivo que a outra pessoa faça algo que o deixe excitado podendo ser pelo meio da ameaça, por exemplo.

As violências e abusos apontados aqui não estão restritos a um único país e seus efeitos são profundos e causam inúmeras consequências nas vítimas, podendo afetar sua saúde física, psíquica e/ou social, visto que a insegurança, o medo e os preconceitos existentes na sociedade são reais.

É importante dizer que a presença da mulher dentro do contexto esportivo é algo que só passou a ocorrer no século passado e, ainda assim, de forma subordinada aos homens¹⁵. Neste contexto as mulheres são invisibilizadas no meio esportivo em seu feito atlético, aparecendo quase sempre em função de seus corpos e beleza¹⁵.

Dado isso, devemos também levar em conta que o esporte é uma instituição regida por regras e que apresenta uma forte influência em nossa sociedade. Sendo assim, contribui para a manutenção das dominâncias, seja de forma mais explícita ou de forma sutil¹⁶.

Tendo isso em mente, é necessário lembrar que uma das dominâncias que o esporte ajuda a perpetuar é a dominância de gênero, que coloca o homem no papel de destaque, mais apto e adequado para a prática do esporte. Essa ideia é corroborada por Salvini, Souza e Marchi Junior¹⁷ quando atestam que o contexto esportivo valoriza a superioridade de pessoas designadas com o sexo masculino, consequentemente diminuindo e fragilizando as mulheres nesse mesmo cenário. Essa inferioridade atribuída às mulheres no meio esportivo também pode ser vista como uma violência simbólica, que tem o poder de construir a realidade, através de símbolos, que tendem a estabelecer

conexão imediata com o mundo, em particular do mundo social. Esta pode ser exercida por variadas instituições sociais, tal como o Estado, a mídia e a escola¹⁸.

O esporte seria para as autoras uma dessas instituições que contribuem para a violência simbólica contra as mulheres, visto que, como colocado acima, valoriza a masculinidade, deixando as atletas em uma situação de fragilidade dentro desse meio perante aos homens. Frente a essa realidade, as autoras colocam que existem duas possibilidades de tratamento da mulher atleta pela mídia, que, sendo também uma instituição que ajuda na construção da realidade e dos sentidos, afetam diretamente na forma como essas mulheres são vistas pelo público de forma desvalorizada.

Uma das possíveis formas de tratamento das atletas por parte da mídia se embasa na retirada da feminilidade da mulher, apresentando-as com características consideradas masculinas e muitas vezes dentro de um estereótipo construído socialmente para mulheres lésbicas¹⁸. Essa masculinização das mulheres dentro do meio esportivo é citada também por outras autoras como sendo a principal forma de tratamento da mulher atleta¹⁵. Os autores apontam que essas colocações também podem ser compreendidas como maneiras de desvalorizar o esporte feminino.

A outra possível forma de tratamento é uma imagem hiperssexualizada, dando ênfase para o corpo e a sexualidade da atleta, sem considerar o seu talento e habilidade no esporte¹⁸. A exemplo disso, as autoras trazem que os comentaristas esportivos durante os jogos muitas vezes focam suas análises sobre o corpo e a aparência das atletas, deixando, inclusive, em segundo plano, os comentários referentes aos lances relevantes para o contexto do jogo.

Nessa mesma linha, a pesquisa de Souza, Capraro e Jensen¹⁹ traz que, em geral, cronistas esportivos, nas raras vezes em que escrevem sobre mulheres atletas, enfatizam sua estética em detrimento da habilidade esportiva, comentando muitas vezes sobre as vestimentas e elogiando aquelas que mostram o corpo. Muitos desses autores tratam as mulheres como objetos, colocando o interesse dos espectadores homens que irão assistir aos jogos como prioridade dos esportes citados.

De acordo com tudo o que já foi colocado acima, pode-se dizer que a posição em que a mulher atleta se encontra é uma posição de fragilidade, onde ela é muitas vezes tratada como um objeto, fonte de prazer sexual por meio da imagem que é passada aos espectadores, tanto por parte da mídia televisionada e de seus comentaristas, quanto pela

Bambace APQ, Panfili ABV, Camilo JAO. Sobre a violência sexual no esporte olímpico envolvendo mulheres: um estudo a partir de reportagens em diferentes sites esportivos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 122-136.

mídia escrita, que quando não invisibiliza a mulher, a trata como um objeto, com a função de dar prazer ao homem que assiste às suas competições. Sendo assim, é plausível pensar que um ambiente que incentiva esse tipo de comportamento hiperssexualizante, sendo este composto em sua maioria por homens em quase sempre posições superiores à das atletas (técnicos, diretores de clubes, patrocinadores). Terreno fértil para casos de violência sexual contra essas atletas.

A dificuldade se encontra, porém, em comprovar e evidenciar esses casos, pois, conforme já mencionado, muitas mulheres têm dificuldade em denunciar os casos de violência. Esta dificuldade se dá por diversos fatores, sendo um deles, talvez o principal, o fato de seu agressor ser o responsável pelo seu futuro profissional, de modo que denunciar ou apenas compartilhar tal acontecimento com alguém, pode significar colocar em risco este futuro.

Ainda pensando na falta de visibilidade que os casos de violência sexual têm no esporte, é interessante notar que, apesar da dificuldade em encontrar literatura que aborde esse assunto, os casos encontrados nos sites pesquisados não foram poucos, levando a crer que essas situações acontecem mesmo quando não denunciadas.

Método

Para atingir os objetivos pleiteados pela presente pesquisa, foram coletadas as postagens de diferentes sites esportivos em território nacional: Folha Esporte, ESPN, Gazeta Esportiva e El País, Globo Esporte, Lance!, SporTV e Terra, entre os anos de 2013 e 2018, totalizando cinco anos de reportagens. Para isso, foi realizada a busca nos sites citados que continham em seu corpo os termos ‘violência sexual’ ou ‘abuso sexual’, tendo também uma das seguintes palavras: olímpico, olímpica, olimpíadas ou olimpismo. Feito isso, por meio dos resultados obtidos, as reportagens foram lidas e aquelas que respeitassem os requisitos definidos foram selecionadas, separadas e organizadas em uma planilha e convertidas em arquivo de texto, para que fossem submetidas ao software utilizado *Atlas.ti*. Este software é uma ferramenta que busca oferecer e facilitar a análise e a interpretação dos dados em pesquisas qualitativas, tendo também como objetivo organizar, registrar e possibilitar um maior acompanhamento de suas atividades, para facilitar a compreensão das informações da pesquisa.

Para compreender melhor a metodologia utilizada na pesquisa é preciso esclarecer alguns conceitos e práticas. Tal metodologia se encaixa no que Galindo e Rodrigues²⁰

trazem como sendo uma análise documental, ou seja, uma análise de documentos onde diferentes discursos disputam o status de fato.

As notícias analisadas nesta pesquisa são documentos de domínio público, pois se caracterizam como sendo produtos sociais que estão livres para o acesso e análise²¹. As vantagens de se trabalhar com documentos de domínio público, de acordo com Spink²², são as possibilidades de compreender como os discursos se dão no dia a dia, isto é, poder analisar os discursos na forma como estão sendo construídos no presente e não somente os discursos que já estão cristalizados, como é o caso da literatura científica.

Resultados

Os resultados somaram noventa e sete notícias dentre os sites pesquisados. Por meio da coleta foi possível construir quatro tabelas e uma figura com o objetivo de organizar as referências encontradas.

A primeira delas, ilustrada pela Tabela 1, refere-se à distribuição das reportagens pelos anos de publicação. Nota-se que no ano de 2016 houve um aumento substancial nas reportagens de violência sexual, o que talvez reflita o impacto da Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, que pode ter aumentado a notificação e divulgação dos casos, com sua consequente repercussão na mídia. Outra possibilidade relaciona-se com a ideia de que, como mais atletas de expressão na mídia denunciaram situações de abuso, outras tantas mulheres podem ter sentido amparo para se manifestar. Uma terceira hipótese se debruça na maior conscientização e empoderamento social, advindos da visibilidade das pautas feministas.

Tabela 1 - Distribuição das reportagens de violência sexual no esporte, entre os anos de 2013 e 2018.

Ano	<i>n.</i>	%
2013	2	2,06%
2015	3	3,09%
2016	11	11,33%

2017	26	26,80%
2018	55	56,72%
Total Geral	97	100,00%

A Tabela 2 nos traz à distribuição das notícias pela modalidade esportiva. Ao analisar os resultados, o que chama atenção é a quantidade de casos encontrados na Ginástica Artística, que corresponde a 71,13% das notícias levantadas.

Tabela 2 - Distribuição das reportagens de violência sexual no esporte, por modalidade esportiva.

Esporte	<i>n.</i>	%
Ginástica artística	69	71,13%
Natação	16	16,49%
Basquete	4	4,12%
Saltos ornamentais	2	2,06%
Taekwondo	1	1,03%
Futebol	1	1,03%
Esqui	1	1,03%
Luta olímpica	1	1,03%
Judô	1	1,03%
Outros	1	1,03%
Total Geral	97	100,00%

Bambace APQ, Panfili ABV, Camilo JAO. Sobre a violência sexual no esporte olímpico envolvendo mulheres: um estudo a partir de reportagens em diferentes sites esportivos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 122-136.

A seguir, a Tabela 3 traz a distribuição das notícias a partir das plataformas eletrônicas utilizadas para o levantamento dos dados. Nela percebe-se que o site *Globoesporte.com* foi o canal com maior publicação de reportagens que tratavam da temática aqui analisada. Também é importante destacar que esta plataforma encontra-se de forma aberta para pesquisa, sem precisar de cadastro ou até mesmo pagar uma mensalidade para consumir o conteúdo, o que promove e possibilita o maior acesso à notícia.

Tabela 3 - Distribuição das reportagens de violência sexual no esporte, entre os anos de 2013 e 2018, por *site* esportivo.

Site esportivo	Ano					<i>n. total</i>	%
	2013	2015	2016	2017	2018		
Globoesporte.com	2	1	3	5	22	33	34,02
Terra esportes			2	8	16	26	26,80
El Pais			2	3	6	11	11,34
Gazeta esportiva			1	4	6	11	11,34
ESPN		2		5	1	8	8,25
Folha de São Paulo			3	1	2	6	6,19
Lance!					2	2	2,06
Total Geral	2	3	11	26	55	97	100,00

Por fim, a tabela 4 ilustra a distribuição das reportagens de violência sexual no esporte por sexo da vítima. Nota-se aqui que, dos 97 casos levantados, 45,36% não relata o sexo da vítima, evidenciando um ocultamento, que pode tanto representar uma preservação da identidade da mesma, assim como do agressor.

Tabela 4 - Distribuição das reportagens de violência sexual no esporte, entre os anos de 2013 e 2018, por sexo da vítima.

Ano	Feminino	Masculino	Ambos	oculto	Total Geral
2013	0,00%	0,00%	0,00%	2,06%	2,06%
2015	2,06%	0,00%	0,00%	1,03%	3,09%
2016	6,19%	4,12%	0,00%	1,03%	11,34%
2017	13,40%	1,03%	0,00%	12,37%	26,80%
2018	16,49%	8,25%	3,09%	28,87%	56,70%
Total Geral	38,14%	13,40%	3,09%	45,36%	100,00%

Ao se analisar qualitativamente o conteúdo das reportagens foi possível notar que o posicionamento dos sites frente aos casos avaliados evitava responsabilizar o agressor. Os termos frequentemente utilizados tentavam imprimir certa imparcialidade ao discorrer sobre o acusado, usando expressões como, por exemplo, ‘alvo de alegações’ e ‘suspeita de abuso’. As reportagens, que mostravam certo posicionamento acusatório, versavam sobre casos em que já se tinha os processos judiciais encerrados, com o agressor sendo atestadamente condenado como, por exemplo, os casos das atletas de Ginástica Artística que foram abusadas por Larry Nassar, ex-médico da equipe olímpica dos Estados Unidos da América.

Corroborando esta questão, temos na nuvem de palavras a seguir (Figura 1), elaborada a partir do *software* Atlas.ti, o destaque dado a este caso, expresso principalmente pelas palavras: Nassar, Larry, ginástica, EUA e Michigan. Vale aqui a reflexão de que os casos de abuso envolvendo as ginastas estadunidenses podem significar um marco para a luta e o enfrentamento das violências, nas suas diferentes manifestações, no contexto esportivo.

Figura 1 - Nuvem de palavras elaborada a partir das 97 notícias mapeadas.



Para além do contexto da ginástica, temos na natação e no Brasil, a atleta Joanna Maranhão que revelou ter sido molestada sexualmente pelo seu treinador quando era criança, aos nove anos de idade. Desde então, a atleta olímpica se tornou importante figura na luta contra à violência sexual e à pedofilia, especialmente no esporte.

É importante dizer também que os eufemismos utilizados nos casos em que não há a comprovação do abuso/violência provavelmente foram empregados para evitar processos de calúnia e difamação, já que não havia uma condenação jurídica. Ainda assim, é importante destacar que o discurso da vítima, e sua denúncia, recorrentemente apareceram nos textos de modo atenuado ou indireto. Basta notar que em muitos casos, a notícia reportava o posicionamento do suposto agressor, dos advogados e das confederações, mas não destacava e, até mesmo não trazia, o posicionamento da vítima.

Discussão

A escassa produção acadêmica que vincula violência sexual e o esporte, além da gravidade e importância da temática, inspirou as pesquisadoras para a construção da presente pesquisa. Esse artigo focou os casos de abuso/violência sexual envolvendo mulheres atletas dentro de diferentes sites de esporte, no contexto olímpico.

A partir das informações coletadas, pode-se perceber como a discussão sobre as violências e abusos sexuais vivenciados no esporte olímpico é um campo a ser desbravado, sobretudo pela Psicologia Social do Esporte. Temos aqui um cenário preocupante, dado as relações assimétricas de poder que envolvem as vítimas e os

Bambace APQ, Panfili ABV, Camilo JAO. Sobre a violência sexual no esporte olímpico envolvendo mulheres: um estudo a partir de reportagens em diferentes sites esportivos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 122-136.

agressores. Nas reportagens aqui apresentadas foi possível notar o ocultamento da mídia sobre os agressores, seus feitos e efeitos perante às vítimas.

Outra observação digna de nota, foi a diferença na quantidade de casos encontrados em 2018 se comparados com os outros quatro anos analisados. Esse dado pode levar a duas hipóteses: a primeira delas consiste na possibilidade de que o número de casos esteja aumentando ao longo dos anos e, a segunda, de que as vítimas estão cada vez mais se sentindo fortalecidas para denunciar essas situações.

O aumento de tal temática nas publicações durante os últimos anos não significa qualitativamente que a forma como o assunto vem sendo tratado é adequado e que a mídia está engajada com a transformação desta realidade. Ao contrário, ao que parece as culpabilizações, os preconceitos, a falta de credibilidade dada às vítimas e os tabus referente ao papel da mulher e seu comportamento, refletem diretamente na forma como os meios de comunicação trabalham, endossando um pensamento conservador e preconceituoso.

Apontamos aqui que se faz necessário estudos aprofundados a respeito de casos de abuso dentro do esporte e dentro do ambiente olímpico, para que seja possível entender as peculiaridades, tensões e relações de poder, visando proporcionar estratégias e subsídios para a proteção dessas atletas.

Os resultados encontrados também podem ser usados para ressaltar a importância de psicólogas (os) do esporte atuarem para além da performance, da lógica do ganhar e do perder, mas, sobretudo, com olhares para as questões sociais que afetam o âmbito esportivo.

Referências

- 1 Melo G, Rubio K. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. *R bras Ci e Mov*. 2017;25(4):104–16.
- 2 Rubio K, Camilo JA de O. *Psicologia Social do Esporte*. São Paulo: Laços; 2019.
- 3 Foucault M. *Vigiar e Punir*. São Paulo: Vozes; 2014.
- 4 Rubio K, Camilo JA de O. Por quê uma Psicologia Social do Esporte. In: *Psicologia Social do Esporte*. São Paulo: Képos; 2019. p. 9–18.
- 5 Rubio K. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Rev Paul Educ Física*. 2002;16(2):130–43.
- 6 Giglio SS, Rubio K. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2017;31(1):291–305.
- 7 Rubio K. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. *Rev Bras Educ Física e Esporte*. 2010;24(1):55–68.

Bambace APQ, Panfili ABV, Camilo JAO. Sobre a violência sexual no esporte olímpico envolvendo mulheres: um estudo a partir de reportagens em diferentes sites esportivos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 122-136.

8 Rubio K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.

9 Camilo JA de O, Rabelo I. Precariedade e invisibilidade do trabalho dos atletas de alto-rendimento. In: Rubio K, Camilo JA de O (eds). *Psicologia Social do Esporte*. São Paulo: Laços; 2019. p. 105–20.

10 Chauí M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar; 1985.

11 Piscitelli A. Gênero: a história de um conceito. In: Heloisa Buarque de Almeida HB, Szwako J (org). *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia; 2009. p. 118–46.

12 Araújo M de F. Violência e Abuso sexual na família. *Psicol em Estud*. 2002;7(2):3–11.

13 WHO – World Health Organization. World report on violence and health [citado 01 jul 2020]. Genebra: WHO; 2002. Disponível em: https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/es/summary_es.pdf

14 BRASIL. Lei no 11.340/06, de 07 de agosto de 2006 [citado 01 jul 2020]. Brasília; Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm.

15 Sanfelice GR, Pinheiro M, Araújo DC De. A (in) visibilidade da prática esportiva feminina na mídia. XVIII Congresso Brasileiro Ciências do Esporte. Brasília; 2013;1–14.

16 Wacquant L. Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Revan; 2003.

17 Salvini L, Souza J de, Wanderley MJ. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. *Rev bras Educ Fís Esporte*. 2012;26(3):401–10.

18 Paim MCC, Strey MN. Marcas de gênero contra a mulher no contexto esportivo [citado 01 jul 2020]. *EFdeportes* 2006;11(103). Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd103/genero.htm>

19 Souza MTO, Capraro AM, Jensen L. Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira. *Rev Bras Ciências do Esporte*. 2017;39(4).

20 Dolores G, Martins M, Vilela RM. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. In: Spink MJP (ed). *A Produção de informação na Pesquisa Social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; 2014. p. 295–323.

21 Spink MJP. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2004.

22 Spink P, Ribeiro MAT, Conejo SP, Eliete S de. Documentos de domínio público e a produção de informações. In: Spink MJP (ed). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; 2014. p. 207–228.